

# Nove noites

de Bernardo Carvalho  
por Pamella Oliveira



# AOL

Análise de Obras Literárias



**POLIEDRO**  
SISTEMA DE ENSINO

# EXPEDIENTE



**Autoria:** Pamella Oliveira

**Direção-geral:** Nicolau Arbex Sarkis

**Direção editorial:** Sandra Carla Ferreira de Castro

**Gerência editorial:** Wagner Nicaretta

**Coordenação de projeto editorial:** Brunna Mayra Vieira da Conceição

**Edição de conteúdo:** Mariana Castelo Queiroz

**Analista editorial:** Débora Cristina Guedes

**Gerência de produção editorial:** Andréa Cozzolino

**Coordenação de edição de texto:** Anaiza Castellani Selingardi

**Edição de texto:** Cláudio Leyria

**Coordenação de revisão:** Carla Vieira Cardoso Egídio

**Revisão:** Ana Paula Candelária, Bianca da Silva Rocha e Kemi Tanisho

**Coordenação de arte:** Kleber S. Portela e Leonardo Pires

**Diagramação:** Alexandre Lemes e Guilherme Oliveira

**Ilustração:** Robson Araújo

**Projeto gráfico:** Kleber S. Portela

**Capa:** Kleber S. Portela

**Coordenação de licenciamento e iconografia:** Letícia Palaria de Castro Rocha

**Analista de licenciamento:** Jade Cristina Bernardino

**Coordenação de planejamento editorial:** Rodolfo da Silva Alves

**Planejamento editorial:** Caroline Barbosa Lopes do Amaral e Maria Carolina das Neves Ramos

**Coordenação de PCP:** Anderson Flávio Correia

**Analista de PCP:** Vandrê Luis Soares

**Colaboração externa:** Érica M. Bettoni Hayashibara (edição de texto), Cristiane Souza e Fernanda Barone (revisão)

**Impressão e acabamento:** PifferPrint



**Coleção AOL**

Copyright © Editora Poliedro, 2020.

Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro.

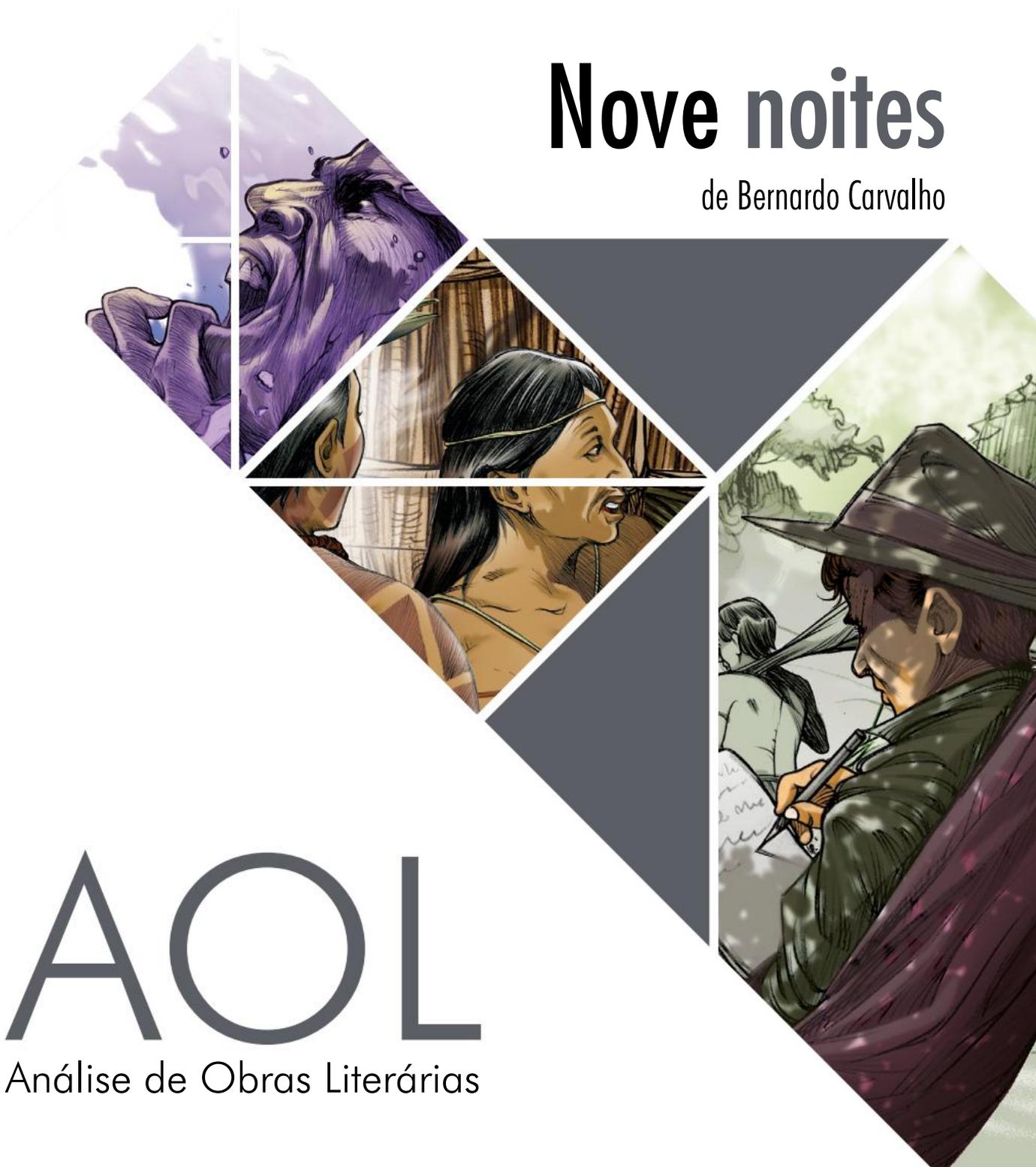
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal,

Lei 9610 de 19 de fevereiro de 1998.

A Editora Poliedro pesquisou junto às fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as imagens presentes nesta obra didática. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos, colocamo-nos à disposição para avaliação e consequente correção e inserção nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos no Art. 28 da Lei 9610/98.

# Nove noites

de Bernardo Carvalho



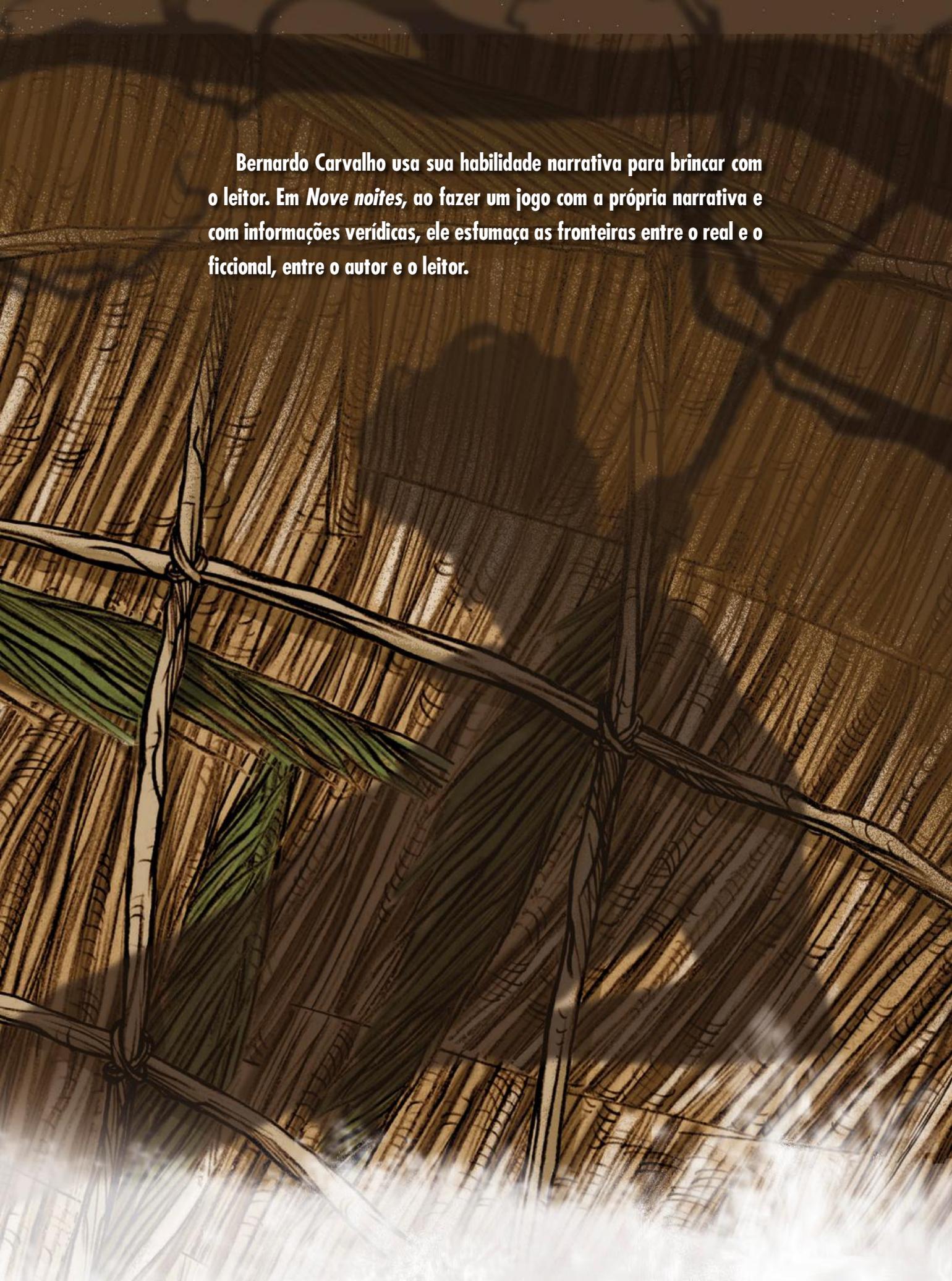
AOL

Análise de Obras Literárias

# Nove noites

de Bernardo Carvalho





**Bernardo Carvalho usa sua habilidade narrativa para brincar com o leitor. Em *Nove noites*, ao fazer um jogo com a própria narrativa e com informações verídicas, ele esfumaça as fronteiras entre o real e o ficcional, entre o autor e o leitor.**

## INTRODUÇÃO ▼

Bernardo Carvalho é um grande nome da literatura brasileira contemporânea. Considerado um dos maiores romancistas do século XXI, suas obras são conhecidas pela recorrência de temas, riqueza narrativa e habilidade na construção das personagens.

*Nove noites* é um de seus romances de maior destaque. A construção da obra se dá em torno de diversas instâncias narrativas que embaralham escrita epistolar, anotações de diários e reproduções fotográficas, como uma investigação jornalística. Sua escrita sucinta está apoiada em elementos que se coligam em torno da busca pela verdade, e, para isso, o autor traça uma rede de acontecimentos que torna seu texto intrigante e cheio de inquietação entre narrador e leitor.

A própria estrutura fragmentada ilustra a perspectiva do narrador em busca da reconstrução de uma história através das poucas informações que possui. As personagens são obscuras, e suas atitudes vacilantes; por isso, o leitor acaba perdendo-se no emaranhado de informações que dificulta a distinção entre as vozes do narrador e do autor. É um jogo literário do qual o autor convida o leitor a participar.

O romance é construído em torno de uma situação verídica: em 1939, o antropólogo americano Buell Quain se matou enquanto vivia no Brasil, na tribo indígena Krahô. Esse suicídio foi, durante muito tempo, uma questão pouco divulgada e considerada tabu para a antropologia brasileira, inclusive pelo pouco que se sabe sobre o caso. No romance, 62 anos após a morte de Quain, o narrador descobre o caso por meio de uma notícia publicada no jornal e inicia uma obsessiva investigação a fim de encontrar as razões que levaram o antropólogo ao suicídio.

Por meio desse ponto de contato entre ficção e fatos comprováveis, Bernardo Carvalho usa de artifícios narrativos para confundir o leitor. Além de fazer menção a personagens da década de 1930, ele usa fotos que retratam pessoas reais e fictícias como chave de leitura para um leitor que busca traçar um paralelo entre os elementos da narrativa e aqueles documentados como fatos históricos, criando uma linha tênue entre a ficção e o que pode ser comprovado.

Esse tipo de jogo literário tornou-se tendência entre os autores contemporâneos, entre o fim do século XX e o início do século XXI. O cruzamento do real com a ficção atrai leitores cada vez mais interessados em desvendar as pistas espalhadas propositalmente pelo autor, em busca de correspondências com o mundo fora da literatura.

A obra faz isso ao se embasar em um fato histórico e na referência a algumas pessoas daquela época para compor sua história, sem deixar de ser estritamente ficcional. Ou seja, apesar de estruturar sua narrativa em torno de uma investigação jornalística, *Nove noites* é, antes de mais nada, um romance, e não há motivo para cobrar uma fidelidade aos fatos quando se trata desse gênero literário.

A narrativa fragmentada dessa obra é recorrente nos romances de Bernardo Carvalho. Personagens e narradores são, em geral, estilhaçados por acontecimentos e circunstâncias misteriosas, normalmente em torno do desaparecimento de alguém. Na tentativa de encontrar o desaparecido, busca-se, na verdade, recompor-se, voltar a ser inteiro. Essa empresa orquestrada pelo narrador é a forma mais utilizada para representar o sujeito contemporâneo em sua inquieta descentralização.

---

Os trechos da obra reproduzidos nesta análise foram retirados da seguinte edição: CARVALHO, Bernardo. *Nove noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

**Observação:**

Em entrevista à rádio alemã *Deutsche Welle*, Bernardo Carvalho afirmou sobre o processo de produção de *Nove noites*:

*O livro foi escrito num momento em que eu estava muito irritado com essa ideia de que a ficção vale menos do que os livros baseados em histórias reais, o que é uma tendência muito forte no mundo todo. A literatura estava se tornando restrita e elitista.*

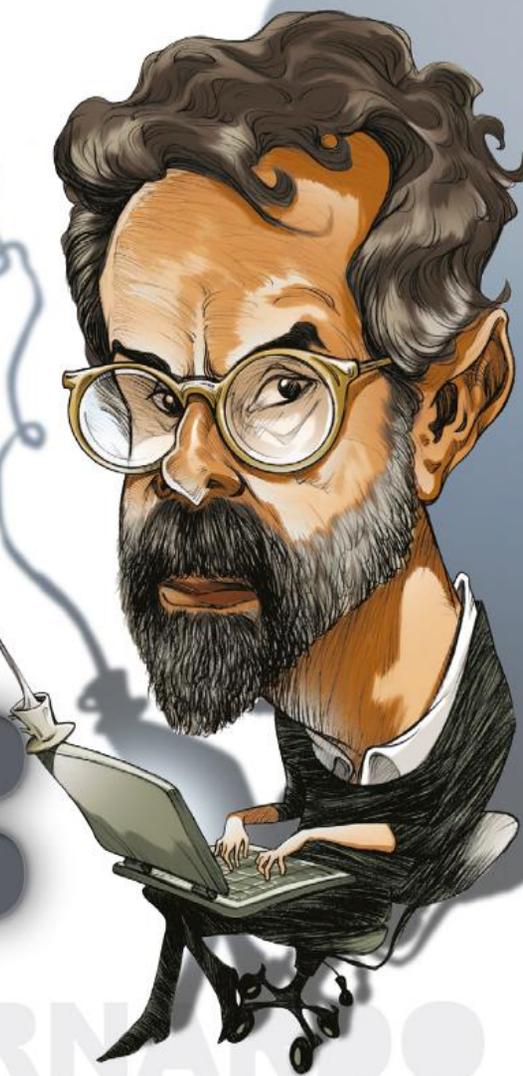
*Um dia, li no jornal uma resenha sobre um livro de correspondências de um antropólogo alemão que havia sido assassinado pelos índios no Brasil em meados do século 20. A resenha citava também Quain, antropólogo americano de 27 anos que havia se suicidado no Brasil em 1939. Aquilo me despertou: eu fiquei obcecado por aquele suicida e comecei a pesquisar.*

*Você nunca vai descobrir o que leva um suicida a se matar. Esse é o princípio do suicídio. O que me interessou na história é que ela é insolúvel. Era uma pesquisa detetivesca para a qual eu já sabia que não haveria resposta. Chegou um ponto em que eu empaquei e não tinha mais para onde ir e a ficção aflorou. Procuo com os meus livros celebrar a subjetividade, a imaginação e não estar confinado ao funcionalismo da realidade. No livro, a realidade é para o leitor como uma armadilha ou um jogo. Uma espécie de simulacro da realidade.*

"Bernardo Carvalho". *Botequim cultural*. Disponível em: <<http://botequimcultural.com.br/bernardo-carvalho/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

**SOBRE O AUTOR ▼****Pequena biografia do autor**

Nascido no Rio de Janeiro, em 1960, Bernardo Teixeira de Carvalho é um grande nome da literatura nacional. Formou-se em Jornalismo pela PUC-Rio em 1983, primeiro passo para a construção de uma sólida carreira como jornalista. Ainda na década de 1980, mudou-se para a cidade de São Paulo, onde trabalhou como crítico de cinema da revista *IstoÉ*.



Em 1986, iniciou sua longa aliança com o jornal Folha de S.Paulo. Lá, atuou como diretor do suplemento de ensaios intitulado “Folhetim” entre 1987 e 1989; foi correspondente internacional em Paris e Nova York de 1990 a 1993; e passou a assinar quinzenalmente uma coluna no caderno de cultura “Ilustrada” (1998 a 2008). Ainda hoje atua no jornal, contribuindo com uma coluna crítica esporádica sobre acontecimentos do país.

Sua trajetória acadêmica conta ainda com um grau de mestre em cinema pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, obtido em 1993, mesmo ano em que estreou na literatura com o lançamento do livro de contos *Aberração*, que foi traduzido para diversos idiomas. Em 1995, publicou seu primeiro romance, *Onze*, estabelecendo-se de vez como um dos maiores romancistas da literatura brasileira contemporânea. Seu romance mais recente é *Simpatia pelo demônio*, publicado em 2016.

Embora tenha iniciado sua carreira como contista, a transição para o romance foi rápida e a responsável por elevá-lo enquanto escritor, pois foi o ramo em que ele mais se destacou, ainda que não tenha deixado de produzir contos. Já em *Aberração*, ele adiantou assuntos recorrentes em suas produções futuras, tais como o desaparecimento, a correspondência e as personagens em desalinho, com perturbações e pensamentos fragmentados.

Sua estreia no teatro foi em 2006 com a peça *BR-3*, encenada pelo grupo Teatro da Vertigem, em São Paulo. Com direção de Antônio Araújo, a peça conta com uma ousada montagem que leva o público sobre as águas poluídas do Rio Tietê, na cidade de São Paulo.

Além disso, Bernardo Carvalho ainda atua como crítico literário e tradutor; já traduziu inúmeros romances para o português brasileiro, como *Na praia* (2007), de Ian McEwan, e *A arte e a maneira de abordar seu chefe para pedir um aumento* (2010), de Georges Perec, ambos pela editora Companhia das Letras.

## O autor e seu período

Assim como outras expressões artísticas, a literatura renova-se constantemente. Quando estamos vivenciando a mudança, não conseguimos dimensioná-la completamente; por isso, de tempos em tempos, os críticos literários revisam obras para uma divisão didática da produção literária de determinado período. Uma investigação panorâmica dessas obras torna-se bastante desafiadora, uma vez que é difícil determinar as bases que aproximam as produções literárias produzidas em um recorte temporal sem que se possa determinar o fim daquela tendência.

Por ainda ser um autor muito recente (seu primeiro livro foi lançado em 1993), Bernardo Carvalho acaba sendo classificado como integrante do que chamamos de literatura contemporânea, nome adotado para classificar as produções do fim do século XX e início do século XXI; no entanto, é preciso ter em mente que essa nomenclatura é provisória.



Entre o fim dos anos 1950 e o início dos anos 1960, o Brasil passou por um acelerado desenvolvimento tecnológico. Apesar de representar um salto industrial, isso acabou causando impactos tanto na indústria quanto na sociedade e na política. Muitas foram as respostas da comunidade artística a esse avanço, tais como o teatro de Arena (1953), a bossa nova (1958), o cinema novo (1960), entre outros.

Esse processo de desenvolvimento geral foi rompido pela crise que se instalou em decorrência da renúncia de Jânio Quadros em 1961, cujo posto foi assumido por seu vice, João Goulart, que permaneceu no cargo até 1964, quando um golpe civil-militar encerrou o ciclo democrático brasileiro. O fechamento do Congresso marcou o fim da euforia pelo avanço e deu lugar a uma onda de conflitos causados pelo medo constante e pela censura que o governo impôs, a qual calou jornais e perseguiu e torturou políticos, artistas e intelectuais.

Esse clima instável permaneceu até o fim da década de 1970, quando a Lei da Anistia foi promulgada pelo então presidente Figueiredo. Ela permitia que os exilados voltassem ao território nacional e garantia que eles não sofressem represálias. Essa ação reacendeu o otimismo naqueles que não concordavam com a condução do governo.

O período de governo militar no Brasil durou 21 anos, finalizando em 1985 com a eleição de um civil, Tancredo Neves, mas ainda sem a participação popular. Somente em 1989 o voto passou a ser direto e popular, devido ao movimento Diretas Já, em que a população (principalmente os jovens) foi às ruas pedindo o direito de votar, o que configurou um grande passo para reestabelecer a democracia no país.



Esse acontecimento na história do Brasil mudou completamente os rumos da literatura. A fim de não deixar os horrores desse período se apagarem com o tempo, a memória passou a ser reverenciada. Os romances escritos por sobreviventes da ditadura militar no Brasil foram os responsáveis por alçar a memória a um lugar privilegiado entre os gêneros literários, aumentando a popularidade de autobiografias, diários, cartas, entre outros.

Se antes a literatura memorialística era tida como um estilo menor em comparação com o romance, considerado o gênero rei, hoje acompanhamos um crescimento desse tipo de narrativa, muitas vezes em gêneros híbridos. Com a rememoração e a referência a pessoas e acontecimentos reais, os leitores se habituaram a buscar respostas fora dos livros, vasculhando referências e pistas deixadas pelo autor em entrevistas, notícias ou outras mídias.

A literatura do século XX foi uma grande influenciadora das tendências que se firmaram no século XXI, como a metalinguagem e o engajamento social. Além disso, deu uma abertura maior para os gêneros experimentais e as tendências estéticas, assumindo a visão de um mundo estilhaçado e complexo.

O recurso memorialístico, isto é, o resgate de uma memória traumática, um lugar ou alguém, é recorrente na literatura contemporânea. A busca pela reconstituição do passado ou de uma identidade única e a autoanálise do narrador mediante a lembrança são quase constantes entre os autores desse período. Além disso, o labirinto no lugar em que se vive (geralmente centros urbanos), a polifonia narrativa, a metaficção e a incerteza do indivíduo moderno são elementos muito característicos da literatura produzida entre o fim do século XX e início do XXI.

A fragmentação é uma constante na ficção brasileira. No lugar de uma narrativa linear, vem à tona uma escrita desordenada, com diversos focos narrativos. Ganham vida personagens perdidas, traumatizadas, estilhaçadas, desenraizadas, com múltiplas identidades, muitas vezes dando sinais de instabilidade mental. Essa vulnerabilidade do sujeito está, muitas vezes, relacionada ao espaço que as personagens ocupam na cidade: lugares exóticos ou inóspitos e marcados pela violência, exaltando a solidão do sujeito moderno. A própria cidade instável é um espaço de desaparecimento constante que destaca o isolamento desse sujeito.



Bernardo Carvalho está no olho do furacão e é um dos expoentes entre os autores desse período. Suas narrativas cruzam essas características em enredos marcados pela perturbação, seja pela identidade indefinida ou por uma busca inútil. As questões políticas e sociais são amálgamas do sujeito, por isso a estrutura complexa dos romances, as características que extrapolam fronteiras, pois ele busca retratar o homem moderno e sua complexidade.

### Observação:

Como parte da estratégia narrativa apresentada por Bernardo Carvalho (também encontrada em outros autores contemporâneos), a confusão entre autor, narrador e personagem é comum, porém a interpretação depende da correta compreensão de cada um desses termos da narrativa: o **autor**, como propõe Yves Reuter, é um ser humano que está fora do universo da narrativa, ele existe (ou existiu) em carne e osso, dá entrevistas e participa dos lançamentos, mas sua voz não está na narrativa. Já a **personagem** e o **narrador** existem apenas no universo da narrativa; não são pessoas reais e sua existência é intermediada pelas palavras.

## PRODUÇÃO LITERÁRIA ▼

### Obras do autor

- *Aberração* (1993) (contos)
- *Onze* (1995)
- *Os bêbados e os sonâmbulos* (1996)
- *Teatro* (1998)
- *As iniciais* (1999)
- *Medo de Sade* (2000)
- *Nove noites* (2002)
- *Mongólia* (2003)
- *O sol se põe em São Paulo* (2007)
- *O filho da mãe* (2009)
- *Reprodução* (2013)
- *Simpatia pelo demônio* (2016)

### Observação:

Bernardo Carvalho ganhou alguns prêmios com seus livros: *Nove noites* recebeu o primeiro lugar do Prêmio Portugal Telecom, em 2003; já o romance *Mongólia* lhe rendeu os prêmios APCA (2003) e Jabuti (2004), ambos pela categoria romance.

## ASPECTOS GERAIS DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DO AUTOR ▽

Bernardo Carvalho é um importante escritor da literatura brasileira contemporânea. Chegou a ser considerado um dos mais bem-sucedidos autores dos últimos anos, porém seus livros ainda estão longe de ser *best-sellers*. Suas obras, apesar de muito bem aceitas pelo público e elogiadas pela crítica especializada, circulam entre um pequeno número de leitores interessados em ficção. A contribuição do autor para a teoria literária, no entanto, é inegável. Sua obra apresenta discussões pertinentes acerca do fazer literário e da construção da narrativa, muitas vezes representando esse processo criativo.

O autor coloca-se constantemente como uma pessoa que não se preocupa com a representação fiel da realidade. A característica de se aproximar do real fez com que a literatura de ficção ficasse com uma carga negativa perante aquela que faz um pacto de dizer a verdade, como se a narrativa criada pelo autor fosse uma mentira ou como se o próprio artifício literário fosse considerado uma enganação. Isso não é verdade, em absoluto. Trata-se de um jogo em que a ficção promove reflexões além da obra, considerando elementos de fora do universo ficcional como parte de sua estrutura interna.

Entretanto, essa discussão acerca de verdade e mentira não cabe no universo literário. Toda narrativa é fruto de uma elaboração linguística, que não adentra essas classificações insuficientes que tentam separar o que é natural do que é artificial, pois toda técnica artística é um produto artificial.

Em sua obra, Bernardo Carvalho lança luz sobre questões consideradas corriqueiras e percepções aceitas socialmente, para que sejam questionadas. Seus romances estão sempre próximos do mundo físico, ainda que por meio de uma narração labiríntica, para apresentar realidades reconstruídas e reflexões acerca do próprio meio ficcional. A busca pela reflexão sobre a realidade faz com que as obras do autor se destaquem pela riqueza no diálogo entre arte e sociedade. A vertente explorada em seus romances é uma busca pela desnaturalização do real, que ocorre com uma reconstrução por meio da ficção.

O apagamento das personagens está presente na maior parte de suas narrativas: pessoas ausentes, seja por morte ou desaparecimento, deixam um vazio que a narrativa busca preencher. Ele desenvolve personagens obcecadas por respostas para algo que nem sempre tem explicação, as quais estão sempre se movimentando em torno de uma investigação para compreender suas origens ou mesmo sua identidade.

A tendência narrativa é, principalmente, reunir os cacos dessa realidade fragmentada; por isso, faz-se uso de uma narrativa não linear e que busca extrapolar a escrita, usando outras estratégias, como fotos, cartas, notícias de jornal, entre outros.

A fim de desafiar essa tendência de confrontar o ficcional e a história, muitos autores criam jogos com o leitor, mesclando informações para instigar a busca e a desconfiança e fazendo com que ele atue como um coautor da narrativa. É isso que Bernardo Carvalho faz em *Nove noites*: Buell Quain realmente existiu; foi um antropólogo que teve uma experiência no Brasil na década de 1930 e se matou sem muitas explicações. Isso está documentado, pois há fotos de sua passagem pelo país, relatórios e cartas. No entanto, Bernardo Carvalho cria uma narrativa ficcional em torno disso. Esse é o grande trunfo de sua produção: nenhuma resposta é fácil, nada está dado. É preciso mergulhar na narrativa para entender os porquês, sem de fato saber se terminaremos a leitura com respostas.

## ASPECTOS GERAIS DA OBRA ANALISADA ▼



*Nove noites* é a sétima obra de Bernardo Carvalho. Nesse romance, há uma busca pela compreensão do motivo que levou o jovem Buell Quain ao suicídio, em 1939, enquanto vivia entre os indígenas Krahô, no estado do Maranhão. O jovem, colega de Lévi-Strauss e aluno de Ruth Benedict, apesar de ter um futuro promissor, matou-se sem deixar nenhuma explicação, o que acabou criando um tabu em torno do caso. Na obra, a divisão do enredo se dá em duas frentes: uma é a narrativa contada na tribo Krahô, e a outra é a busca do narrador por respostas através dos arquivos, das cartas escritas pelo antropólogo e dos relatos daqueles que o conheceram.

Houve uma intensa pesquisa em torno do assunto até que Carvalho tivesse ferramentas suficientes para a elaboração de seu romance. Ele inclusive visitou os Estados Unidos a fim de conhecer pessoas que soubessem algo sobre o antropólogo. A escrita e o desenvolvimento da obra demonstram relações com o romance *Coração das trevas*, de Joseph Conrad. Essa semelhança se dá pela crise vivida por ambos os protagonistas ao encontrar outras culturas: em *Nove noites*, isso é marcado pela presença dos indígenas; no romance de Conrad, pelos africanos.

O livro apresenta-se em forma de uma construção narrativa sólida e complexa, alinhada pelas diferentes vozes narrativas. A primeira constitui a voz de um narrador-personagem, chamado Manoel Perna, morador da cidade de Carolina, um engenheiro sertanejo que foi amigo de Quain. Esse narrador escreve uma carta – que também serve como um testemunho pela riqueza de detalhes – a alguém que também conheceu o antropólogo e está na iminência de chegar; por isso, a narrativa se inicia com a frase “Isto é para quando você vier”, característica de uma carta destinada a alguém que será encontrado em breve. Esse é o início de uma trama criada entre leitor e narrador, pois não é possível distinguir quem exatamente é esse “você”, se o destinatário da carta ou o próprio leitor.

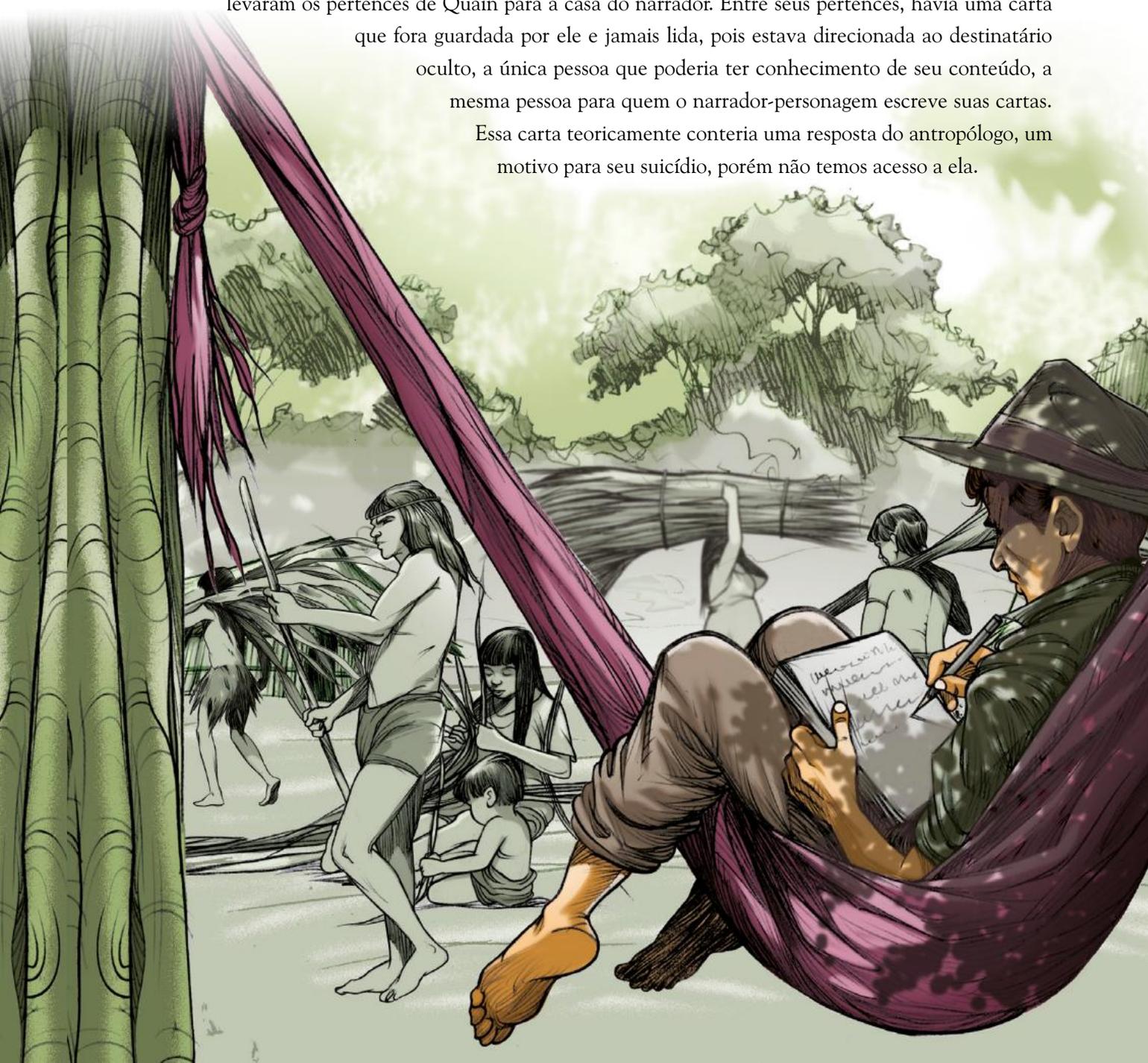
A carta, escrita nos anos 1940, faz uma rememoração das nove noites que o narrador-personagem passou com Quain. O processo de escrita ficcional e a elaboração narrativa em si são questionados na própria carta, em que o remetente menciona a veracidade questionável de sua memória:

*O que agora lhe conto é a combinação do que ele me contou e da minha imaginação ao longo de nove noites. Foi assim que imaginei o seu sonho e o seu pesadelo. O paraíso e o inferno.*

A segunda narrativa dá voz a um trabalho investigativo realizado por um narrador-repórter interessado em desvendar os segredos que rodeiam a morte de Buell Quain. Para isso, ele empreende esforços em busca de cartas, jornais, fotos e depoimentos, procurando respostas satisfatórias sobre a morte misteriosa. Suas investigações a respeito dos motivos do suicídio de Quain o levam à tribo indígena e aos Estados Unidos, mas sem sucesso. Resolve então compor uma ficção sobre o caso a partir de todo o material coletado.

De início, sabemos que, no dia 2 de agosto de 1939, aos 27 anos, Buell Quain se matou de forma assustadora (cortou-se e, em seguida, enforcou-se) e sem explicações. Esse ato foi cometido na frente de dois indígenas, que, diante dessa cena violenta, fugiram apavorados. O antropólogo deixou sete cartas que não explicam o motivo de seu ato. Elas são assim endereçadas: uma ao seu país de origem; uma ao estado do Mato Grosso e outra ao do Rio de Janeiro; duas à cidade de Carolina (no Maranhão); uma a Ângelo Sampaio, delegado de polícia; e, por fim, uma ao narrador.

Quando da morte do antropólogo, os indígenas, temerosos de que pudessem ser acusados de assassinato, levaram os pertences de Quain para a casa do narrador. Entre seus pertences, havia uma carta que fora guardada por ele e jamais lida, pois estava direcionada ao destinatário oculto, a única pessoa que poderia ter conhecimento de seu conteúdo, a mesma pessoa para quem o narrador-personagem escreve suas cartas. Essa carta teoricamente conteria uma resposta do antropólogo, um motivo para seu suicídio, porém não temos acesso a ela.



O narrador Manoel Perna constantemente lembra o leitor da suposta fidedignidade de sua memória ao fazer descrições minuciosas de detalhes facilmente esquecíveis, a fim de garantir a confiança do leitor no que é relatado. Nas cartas em que descreve o comportamento de Quain, o narrador-personagem relata o pavor do antropólogo em ser confundido com os indígenas que analisava:

*Quando chegou aqui, estava cansado desse papel. Mas também tinha horror da ideia de ser confundido com as culturas que observava. [...] Ele estava cansado de observar, mas nada podia lhe causar maior repulsa do que ter que viver como os índios, comer sua comida, participar da vida cotidiana e dos rituais, fingindo ser um deles. Tentava manter-se afastado e, num círculo vicioso, voltava a ser observador. Me falou das crianças Trumai como exceção, das quais se aproximou na tentativa de compreender os seus jogos, e entre elas, talvez por uma estranha afinidade decorrente do lugar incômodo que ele próprio ocupava na aldeia, justamente como observador, logo percebeu um órfão de dez ou doze anos que era mantido à margem. Era um desajustado.*



O enredo é construído com símbolos específicos que sugerem a perturbação mental de Quain, a qual o narrador volta e meia reitera. Sua admiração pela aldeia Trumai, que tinha uma cultura de autodestruição, seu interesse por ilhas e seu fascínio por universos isolados podem ser interpretados como sinais de uma tendência autodestrutiva e de dificuldades em lidar com o coletivo.

Esse narrador-personagem é, no romance, a única voz que teve contato com Buell Quain. Parecendo saber que seu relato seria necessário no futuro, ele o faz de forma detalhada, mencionando cada uma das particularidades presenciadas durante o pouco tempo que passou com o antropólogo. Os sinais de trauma, as preferências, as decepções amorosas, tudo isso cria uma imagem que o narrador construiu a partir daquelas nove noites que passaram juntos, ao que ele conclui que foram dias de confissão em que Quain se preparava para sua morte.

*O que ele queria dizer era outra coisa. Não sei se você se dá conta das conseqüências do que ele me contou, do que aquilo podia provocar se chegasse aos ouvidos das autoridades. Imaginariam o pior, tudo seria pretexto para concluir que ele teria cometido atos na aldeia que, contrários à natureza humana, justificavam que os índios o matassem. [...] E para inocentá-los, porque só a sua existência – e a sua presença na aldeia – já os incriminava. Foi o que terminou por entender na sua loucura. Entre as cartas que deixou, só estavam fechadas as que endereçara ao pai, ao cunhado e a você. As outras não isentam apenas os índios de toda responsabilidade; elas eximem o etnólogo da própria culpa e o põem acima de qualquer suspeita.*

O registro tem um papel importante na narrativa. É em cima dele que todo o enredo se desenvolve. O narrador-jornalista, aquele que investiga o caso e resolve usar de sua pesquisa para empreender uma ficção, teve contato com a história de Quain em 2001, por meio de um artigo de jornal. Além disso, as cartas cruzam toda a narrativa, desempenhando uma função testemunhal indispensável para a investigação.

Quain dedicou suas últimas horas à escrita de cartas para pessoas a quem ele julgava dever explicações. Suas cartas funcionariam como uma espécie de testamento, dando-lhes ciência de seus bens e isentando os indígenas de qualquer culpa a respeito de seu suicídio. Nesse cenário de incertezas, portanto, a ficção seria a única narrativa possível, pois, mesmo diante de uma investigação, o narrador-jornalista mostra-se descrente de que possa, um dia, ter certeza do que realmente aconteceu, uma vez que os documentos são insuficientes para decifrar o enigma:

*Àquela altura dos acontecimentos, depois de meses lidando com papéis de arquivos, livros e anotações de gente que não existia, eu precisava ver um rosto, nem que fosse como antídoto à obsessão sem fundo e sem fim que me impedia de começar a escrever o meu suposto romance (o que eu havia dito a muita gente), que me deixava paralisado, com o medo de que a realidade seria sempre muito mais terrível e surpreendente do que eu podia imaginar e que só se revelaria quando já fosse tarde, com a pesquisa terminada e o livro publicado. Porque agora eu já estava disposto a fazer dela realmente uma ficção. Era o que me restava, à falta de outra coisa.*



O narrador, então, mostra-se preocupado com a possibilidade de que a verdade sobre o suicídio pudesse arruinar seu romance, tornando-o risível. A literatura, porém, nada tem a explicar sobre a verdade e, assim como a morte, também não tem razão para existir. Por isso, morte e ficção tornam-se faces de uma mesma moeda. Em carta da irmã de Quain endereçada a Ruth Benedict, ela diz o que poderia se referir tanto à morte quanto à ficção:

*O fato de que nenhum de nós provavelmente jamais conhecerá os fatos torna ainda mais difícil nos desembaraçarmos deles.*

A reelaboração dessa investigação em consonância com o testemunho de Manoel Perna é uma tentativa de preencher as lacunas que, no entanto, nunca se fecham. Por isso, há a abertura para a interpretação do leitor, que poderá reunir as informações.

O início do romance já adverte que a verdade é movediça e que seu território é instável e cheio de contradições:

*Isto é para quando você vier. É preciso estar preparado. Alguém terá que preveni-lo. Vai entrar numa terra em que a verdade e a mentira não têm mais os sentidos que o trouxeram até aqui.*

*[...] Quando vier à procura do que o passado enterrou, é preciso saber que estará às portas de uma terra em que a memória não pode ser exumada, pois o segredo, sendo o único bem que se leva para o túmulo, é também a única herança que se deixa aos que ficam, como você e eu, à espera de um sentido, nem que seja pela suposição do mistério, para acabar morrendo de curiosidade. Virá escorado em fatos que até então terão lhe parecido incontestáveis.*

A fragmentação e a diversidade do relato fazem com que o leitor seja o responsável por reunir essas provas e tirar as próprias conclusões.

Nesse território de incerteza, o discurso da memória é invadido pelo esquecimento e pelas possíveis falhas da memória. A interpretação, então, depende do leitor para que se feche, mas, ainda assim, a ficção não precisa ser categórica.



# QUESTÕES

**1. UP 2019** Sobre *Nove noites* (2002), de Bernardo Carvalho, assinale a alternativa correta.

- A** Embora esse romance seja construído, em grande parte, com base em fontes factuais, a alternância entre os dois grandes planos narrativos – a longa carta de Manoel Perna e a pesquisa do narrador-investigador – não permite que se chegue às verdadeiras razões que levaram Buell Quain ao suicídio, mas sim a conjecturas possíveis, pois os elementos “memória” e “ficção” são partes constitutivas do processo de construção da narrativa.
- B** Retomando certa corrente da tradição literária brasileira, o romance-reportagem, tradição esta que remete à década de 1970, esse romance apresenta o que se pode denominar como uma versão realista sobre o suicídio de Buell Quain, pois a narrativa se constrói com base em uma série de fontes factuais (depoimentos, fotos, cartas, reportagens etc.) que, ao final do livro, acabam por borrar as fronteiras entre romance e jornalismo.
- C** Construído a partir da alternância entre dois grandes planos narrativos – a longa carta de Manoel Perna e a pesquisa do narrador-investigador –, os reais motivos que levaram Buell Quain ao suicídio são revelados ao final do romance, graças à carta deixada por Manoel Perna, testemunha ocular, que informa o narrador-investigador sobre a doença degenerativa que o antropólogo havia contraído ao chegar no Brasil.
- D** Embora construído a partir da alternância entre dois grandes planos narrativos – a longa carta de Manoel Perna e a pesquisa do narrador-investigador –, o mistério sobre a morte do antropólogo é solucionado a partir do encontro ao acaso do narrador com um velho senhor americano, em 2001, que, em seu leito de morte no hospital, ouvia as histórias lidas por um jovem rapaz; rapaz este que revela a identidade do doente: Buell Quain.

- E** Retomando certa corrente da tradição literária brasileira, o romance-reportagem, que se inicia na década de 1970, esse romance apresenta o que se pode denominar como uma versão realista-naturalista sobre o suicídio de Buell Quain, pois recorre a um expediente típico dos discursos que buscam a verdade dos fatos: a carta de uma testemunha ocular, Manoel Perna, que narra detalhadamente os acontecimentos que envolveram Buell Quain nos seus últimos dias de vida.

**2. Unipac 2012** Sobre a obra literária *Nove noites*, de Bernardo Carvalho, assinale a afirmativa **correta**.

- A** A obra narra uma falsa investigação sobre um crime fictício ocorrido em uma aldeia indígena localizada no interior do Brasil.
- B** A obra narra uma investigação real sobre a morte fictícia de um antropólogo norte-americano que trabalhava no Brasil.
- C** A obra narra uma investigação sobre a morte trágica e misteriosa de um antropólogo norte-americano ocorrida no interior do Brasil.
- D** A obra narra, em um relato jornalístico e ficcional, uma investigação sobre o assassinato de um antropólogo norte-americano.

**3. UFU** Considerando a obra *Nove noites* e a introdução abaixo, assinale a alternativa correta.

*Isto é para quando você vier. É preciso estar preparado. Alguém terá que preveni-lo. Vai entrar numa terra em que a verdade e a mentira não têm mais os sentidos que o trouxeram até aqui. Pergunte aos índios. Qualquer coisa. O que primeiro lhe passar pela cabeça. E amanhã, ao acordar, faça de novo a mesma pergunta.*

Bernardo Carvalho. *Nove noites*.

- A** O fragmento acima refere-se a carta que Buell Quain escrevera antes de cometer o suicídio e que fora deixada para Manoel Perna, seu grande amigo, como forma de atestar a inocência dos índios.

- B** A narrativa é constituída por relatos verídicos, incluindo cientistas verdadeiros como Lévi-Strauss (antropólogo) e as respostas às indagações sobre a morte de Buell Quain encontravam-se em poder dos índios Krahô.
- C** Na busca de dados sobre Buell Quain, o narrador volta ao Xingu para ouvir o que os índios lembravam de Quain, conseguindo, durante o tempo que lá permaneceu, o testemunho dos índios envolvidos no mistério do suicídio.
- D** O autor Bernardo Carvalho constrói uma obra diferente e complexa, em que mistura realidade e ficção, apresentando um enigma em torno de um suicídio cujas causas serão investigadas. Porém, a verdade permanecerá ambígua.

**4. UFU** Considere o romance *Nove Noites*, de Bernardo Carvalho, e faça o que se pede:

- a) Explique a técnica narrativa utilizada na composição da obra.
- b) Explique o título do romance, relacionando-o com o enredo.

**5. UFPR 2018** Escritores de uma nova geração, Milton Hatoum (nascido em 1952) e Bernardo Carvalho (nascido em 1960) já garantiram seu lugar no panorama multifacetado da literatura brasileira contemporânea. *Relato de um certo oriente*, publicado em 1989, marcou a estreia de Milton Hatoum na literatura. *Nove noites*, publicado em 2002, é o sétimo livro lançado por Bernardo Carvalho, que estreou na literatura em 1993 com o livro de contos *Aberração*.

A respeito das comparações entre *Relato de um certo oriente* e *Nove noites*, considere as seguintes afirmativas:

1. Milton Hatoum consegue trazer para a sua ficção o espaço amazonense sem cair no exagero do exotismo; Bernardo Carvalho, por sua vez, tensiona o realismo pela inclusão, na ficção, de fatos e personagens históricos, autobiografia e experiências pessoais.

2. Através de estratégias diferentes, os dois romances buscam compreender o passado, conscientes da obrigação histórica de recuperá-lo tal como aconteceu: *Relato de um certo oriente* resgata a memória trágica de uma família que viveu em Manaus; *Nove noites* investiga a morte de um antropólogo no sul do Maranhão, para entregar ao leitor a solução de um mistério até então não resolvido.
3. A epígrafe de W.H. Auden – “Que a memória refaça/A praia e os passos/O rosto e o ponto do encontro” (em tradução de Sandra Stroparo e Caetano Galindo) – anuncia o elemento central da narrativa de Milton Hatoum. O título do romance de Bernardo Carvalho se refere às nove noites que o antropólogo Buell Quain passou na companhia de Manoel Perna, durante a sua estada entre os índios Krahô.
4. O tratamento dado aos nativos em *Relato de um certo oriente* pode ser verificado na humilhação e nos abusos sofridos pelas caboclas e índias que trabalhavam na casa de Emilie, principalmente por parte dos dois “inomináveis”. Em *Nove noites*, a narração do jornalista volta a momentos centrais da história do Brasil no século XX – Estado Novo, Ditadura Militar e Período Democrático –, marcando a situação de vulnerabilidade permanente dos índios num mundo de brancos.
5. Na Manaus multicultural da primeira metade do século XX, Emilie e seus filhos, com a curiosidade natural do imigrante, atravessam constantemente o rio que separa a cidade da floresta. Da mesma forma, o narrador-jornalista de *Nove noites* visita inúmeras vezes os índios Krahô, em busca de informações sobre o suicídio de Buell Quain.

Assinale a alternativa correta.

- A** Somente as afirmativas 1 e 4 são verdadeiras.
- B** Somente as afirmativas 2 e 5 são verdadeiras.
- C** Somente as afirmativas 1, 3 e 4 são verdadeiras.
- D** Somente as afirmativas 2, 3 e 5 são verdadeiras.
- E** As afirmativas 1, 2, 3, 4 e 5 são verdadeiras.

**6. UFSM 2016** Buell Quain, personagem do romance *Nove noites* (2002), de Bernardo Carvalho, foi um antropólogo norte-americano que realmente viveu entre os índios Krahô em 1939. Sobre o antropólogo, tornado personagem, o narrador revela:

*Tinha um fascínio quase adolescente pela ciência e pela tecnologia. Não podia ter pensado que quanto mais o homem tenta escapar da morte mais se aproxima da autodestruição, não podia lhe passar pela cabeça que talvez fosse esse o desígnio oculto e traiçoeiro da ciência.*

A partir do excerto, assinale verdadeira (V) ou falsa (F) em cada afirmativa a seguir.

- Quain é visto como um personagem fascinado e, por isso mesmo, ingênuo em relação aos avanços científicos e tecnológicos.
- O personagem é caracterizado como um pesquisador limitado intelectualmente, já que enxerga apenas o lado bom da ciência.
- A ciência é vista pelo narrador como enigmática, indecifrável e potencialmente perigosa.

A sequência correta é:

- A V – F – V.     C F – F – V.     E F – V – V.
- B V – V – F.     D F – V – F.

**7. UFSM 2015** O romance *Nove noites* (2002), de Bernardo Carvalho, apresenta um narrador em primeira pessoa que é uma espécie de investigador – o seu objetivo inicial é o de desvendar o mistério em torno da morte do antropólogo Buell Quain. Em determinado momento, em relação à leitura, o narrador revela:

*Cada um lê os poemas como pode e neles entende o que quer, aplica o sentido dos versos a sua própria experiência acumulada até o momento em que os lê.*

A visão do narrador-personagem relativa ao ato de ler assemelha-se à própria investigação por ele empreendida. No romance, essa busca:

- A é conduzida de forma precisa e obstinada, o que é decisivo para a resolução do caso.

- B realiza-se de modo obsessivo e os resultados finais do caso se mostram, portanto, tendenciosos.
- C revela-se um capricho, já que o personagem, inclusive, abandona a investigação no meio da narrativa.
- D está ligada às experiências particulares e a jornada do personagem acaba por ser mais gratificante do que o caso em si.
- E é realizada de forma intuitiva e os seus resultados finais são, portanto, questionáveis.

**8. UFSM 2014** Observe o fragmento a seguir, extraído do romance *Nove noites* (2006), de Bernardo Carvalho.

*O Xingu, em todo o caso, ficou guardado na minha memória como a imagem do inferno. Não entendia o que dera na cabeça dos índios para se instalarem lá, [...]. Não pensei mais no assunto até o antropólogo que por fim me levou aos Krahô, em agosto de 2001, me esclarecer: “Veja o Xingu. Por que os índios estão lá? Porque foram sendo empurrados, encurralados, foram fugindo até se estabelecerem no lugar mais inóspito e inacessível, o mais terrível para a sua sobrevivência, e ao mesmo tempo sua última e única condição. O Xingu foi o que lhes restou.*

Fonte: CARVALHO, Bernardo. *Nove noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.64-65.

A partir do exposto, assinale a alternativa **incorreta**.

- A No fragmento, fica implícita a ideia de que o sacrifício dos Krahô é inevitável para o surgimento de uma nova ordem, neoliberal e globalizada.
- B Na passagem, fica nítido o desconforto do narrador em relação ao Xingu e o seu desconhecimento relativo à situação dos indígenas, o que reproduz a ignorância generalizada em torno das necessidades dessas populações.
- C O excerto tem o seu sentido complementado por outra passagem do romance, na qual o narrador afirma que os Krahô são “os órfãos da civilização. Estão abandonados” (p. 97).
- D Na passagem, a afirmação de que o Xingu é a “última e única condição” dos Krahô é uma revelação com clara conotação trágica.

- E A passagem assinala o estranhamento do narrador-personagem em relação aos Krahô, estranhamento reforçado em outras situações, como, por exemplo, quando o personagem resiste a participar dos rituais da tribo.

**9. UnB 2016 (Adapt.)** *Seu rosto lembrava o dos índios sul-americanos mal-encarados das aventuras do Tintim. O nariz adunco, a testa avançada sobre os olhos fundos, as faces encovadas entre os cabelos pretos e lisos que caíam até os ombros. Era difícil entender o que aquela gente queria. Leusipo perguntou o que eu tinha ido fazer na aldeia. Preferi achar que o tom era amistoso e, no meu paternalismo ingênuo, comecei a lhe explicar o que era um romance. [...]*

*Não sorria, não demonstrava nenhum gesto ou expressão de simpatia. Tinha um olhar impassível e determinado. O motivo da sua visita era me encurralar. Repetia: “Os velhos estão preocupados”. E eu pensava comigo: “O idiota deve ter ouvido alguma coisa e resolveu tomar a iniciativa de me pedir satisfação”. As minhas explicações sobre o romance eram inúteis. Eu tentava dizer que, para os brancos que não acreditam em deuses, a ficção servia de mitologia, era o equivalente dos mitos dos índios, e antes mesmo de terminar a frase, já não sabia se o idiota era ele ou eu. Ele não dizia nada a não ser: “O que você quer com o passado?”. Repetia. E, diante da sua insistência bovina, tive de me render à evidência de que eu não sabia responder à sua pergunta. Não conseguia fazê-lo entender o que era ficção (no fundo, ele não estava interessado), nem convencê-lo de que o meu interesse pelo passado não teria consequências reais, no final seria tudo inventado.*

Bernardo Carvalho. *Nove noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002 (com adaptações).

Tendo como referência o fragmento apresentado, do romance **Nove noites**, de Bernardo Carvalho, julgue os seguintes itens.

- Por trazer como tema, entre outros, a questão indígena, o romance **Nove noites** dá prosseguimento à tradição de se transformar a figura do índio em símbolo da brasilidade, porém com estratégias discursivas distintas das utilizadas no passado.
- A discussão do estatuto da ficção em **Nove noites** reitera a metalinguagem como um dos recursos mais utilizados na literatura contemporânea, quando se busca investigar os sentidos da ficção no âmbito da narrativa ficcional.
- As alusões do autor a “índios sul-americanos mal-encarados” e “paternalismo ingênuo” são indícios narrativos de que a representação de Leusipo é problemática, dado o olhar pouco empático do narrador frente ao personagem indígena.

Assinale a correta:

- A F – V – V
- B V – V – V
- C F – V – F
- D F – F – V
- E F – F – F

**10.** Manoel Perna escreve em sua carta ao que vai chegar: “O que lhe conto é a combinação do que ele me contou e da minha imaginação ao longo de nove noites”. Acerca disso, escreva um breve parágrafo a respeito da relação entre ficção e realidade estabelecida no romance de Bernardo Carvalho.

# GABARITO

1. A  
 Alternativa B: incorreta. Não se pode dizer que o romance faz uma apresentação realista do suicídio, pois, embora haja uma construção de fontes factuais que nos levam a crer que se trata de um romance jornalístico, todas as fontes são fictícias.  
 Alternativas C e D: incorretas. Em momento nenhum temos uma resposta reveladora sobre a morte de Quain.  
 Alternativa E: incorreta. Não se pode dizer que o romance tenha uma veia realista-naturalista, embora beba das fontes dessas escolas literárias.
2. C  
 O romance *Nove noites* narra uma investigação em torno da causa da morte de Buell Quain, um etnólogo americano que veio viver junto da tribo Krahô na década de 1930. Não se trata de uma morte fictícia, nem de um crime, mas de um suicídio.
3. D  
 O fragmento é um trecho da carta deixada por Manoel Perna, e o romance não traz estritamente relatos verídicos, mas ficcionais. Os indígenas não estavam envolvidos na morte do etnólogo, o que fica claro na carta deixada por ele. O romance tem como ponto forte a ambiguidade em torno da morte do americano.
4. a) A técnica utiliza vários mistérios interligados que adensam a narrativa; dessa forma, o leitor partilha a claustrofobia e a evasão de identidade das personagens. Além disso, a narrativa mescla ficção e dados reais, tornando dúbia a interpretação daquilo que se lê.  
 b) O título faz referência às noites que a personagem principal, o antropólogo americano Buell Quain, partilhou com o amigo Manoel Perna antes de se suicidar.
5. C  
 Afirmativa 2: incorreta. Os romances não têm base na busca por uma consciência histórica nem buscam relatar as situações de forma fiel aos fatos, mas sim mesclando com a ficção, sem chegar a uma resolução para o caso.  
 Afirmativa 5: incorreta. No romance, é apontado que o narrador faz uma única viagem ao Xingu para visitar a tribo Krahô.
6. A  
 Segunda afirmativa: falsa. Buell sempre é representado como um cientista à frente de seu tempo, com ideias avançadas e muito inteligente.
7. E  
 O romance é baseado em uma pesquisa intuitiva que fica em aberto, uma vez que não é possível chegar a uma resposta final acerca do caso de Quain.
8. A  
 No trecho em destaque, não há nenhuma indicação de que o sacrifício dos Krahô seja a condição de existência para o surgimento de uma “nova ordem, neoliberal e globalizada”, pelo contrário, o trecho aponta para um destino trágico dos indígenas dentro de um movimento nesses moldes.
9. A  
 Primeira afirmativa: falsa. O romance não se aproxima da idealização do indígena, mas, ao contrário, mostra uma face mais real e humana de uma tribo indígena.
10. O romance, embora tenha como base histórias factuais e documentos que relatam personagens históricos e ainda vivos, usa de uma relação ficcional entre o que se tem como verdade (e que pode ser comprovado) e o que envolve a subjetividade do narrador. O autor tem o cuidado de lembrar o leitor de que aquela narrativa é uma ficção, estabelecendo uma espécie de contrato entre ambos: o autor diz estar criando uma ficção para que o leitor não se deixe enganar pelas aparentes verdades comprováveis expostas. A ficção, assim, funciona como uma amálgama em torno do pouco que se sabe a respeito da morte de Quain; até mesmo a carta de Manoel Perna foi inventada a fim de dar forma à narrativa.



# AOL

Análise de Obras Literárias

O estudo das obras promove a compreensão e o aprofundamento do texto, revela as intenções de cada autor e elucida as características da escola literária da qual a obra faz parte. Ler é condição fundamental para compreender o mundo, os seres, os fenômenos e os acontecimentos. Entender e desvendar uma obra é compreender o prazer da leitura e da busca de novos saberes. É encontrar a beleza da essência de cada autor.



**POLIEDRO**  
SISTEMA DE ENSINO

[sistemapoliedro.com.br](http://sistemapoliedro.com.br)

São José dos Campos-SP  
Telefone: 12 3924-1616  
[editora@sistemapoliedro.com.br](mailto:editora@sistemapoliedro.com.br)



2 003411 000117